

E o Espiritismo?

Denis Denisard

Deus lhes deu essa faculdade [a mediunidade], para que eles ajudem a propagar a verdade, mas não para fazerem dela um comércio. Por estes não entendo somente os que desejassem explorá-la como o fariam com um faculdade comum, os que se fizessem médiuns como outros se fazem dançarinos ou cantores, mas todos os que pretendessem utilizar a mediunidade com fins interesseiros de qualquer espécie. [...]

Não pode, pois, [Deus] ver com prazer os que desviam do seu verdadeiro fim o dom que lhes concedeu. Eu vos asseguro que eles serão punidos por isso, mesmo neste mundo, pelas mais amargas decepções.

(O livro dos Médiuns, Capítulo XXXI, item 14, comunicação assinada por Delfina de Girardin) [1].

Pois bem, voltei! Fazia tempo que eu estava aguardando o meu retorno. É fato que, nos colóquios com Zéfiro, Erasto, S. Luís e a Verdade, tinha me sido informado que eu regressaria à Terra. Afinal, eu estava muito entusiasmado com os avanços da Filosofia Espírita e com a proliferação de grupos de estudo e prática, pela França e muitas outras cidades da Europa. E nas Américas, também. Recebia, semanalmente, inúmeras correspondências de agrupamentos espiritistas – muitos dos quais com várias mensagens recebidas por médiuns e assinadas por distintas personalidades imortais. Algumas que eu conhecia de nome e trajetória, outras não.

Naquelas conversações, disseram-me que eu havia de continuar a obra, porque ela não estaria encartada numa só existência, nem me daria tempo de ver os frutos das sementes plantadas vicejarem “a cem por um”. A alvorada de luz sobre o breu – aqui simbolizando o fanatismo, a credice e, principalmente, o materialismo exacerbado, dos que acreditam no nada após a morte – seria tarefa para séculos (e encarnações, claro, minhas e de muitos outros “mensageiros”). O fato é que acreditavam – e eu também fiquei entusiasmado com a ideia – que logo nas primeiras décadas do século seguinte (XX), eu estaria de novo sob o invólucro

carnal, prosseguindo nos estudos, pesquisas e escritos sobre a Espiritualidade humana [2].

Não foi possível, no entanto. Acredito, eu, que as duas grandes guerras foram significativas para retardar a marcha do progresso e reforçar os sentimentos inferiores – sobretudo as duas chagas humanas, o egoísmo e o orgulho, como me haviam informado as Iluminadas Inteligências. O sentimento bélico, de dominação, de subjugação, de imposição da força, do aniquilamento do livre pensar e o combate aos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que a partir da Revolução (1789) haviam inspirado as coletividades dos povos dos países a reescreverem suas histórias, permanecia como ideário de muitos. Combater o que não se conhece, rechaçar o que não se concorda, impedir que as diferentes ideias sejam livremente apreciadas (e aceitas) por quem as entender oportunas e relevantes, foi a notória e desagradável marca de grande parte do Século XX – aquele em que eu não habitei, como se sabe.

Eu, desencarnado...

Do Invisível, tudo vi e examinei, tudo perscrutei e tirei conclusões, tudo submeti ao crivo da razão, sem esquecer da “pitada” do sentimento humano-espiritual. Humanos... Mulheres e Homens e suas limitações, algumas corporais, em razão da restritividade que a matéria sempre impõe ao Espírito, outras de intelectualidade e/ou moralidade. “Em a Natureza, nada dá saltos” [3], repeti para comigo.

Prosegui acompanhando, não só as reuniões espiritistas – muitas delas, sérias e com fins nobres, ao lado de outras, sinceras, mas distantes do crivo do exame comparativo sugerido pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE), o meu método, experimental e científico-filosófico (com as limitações dos sentidos humanos, claro!).

Não havia mais mesas girantes, nem cestas escreventes. Isto, eu mesmo já tinha acompanhado a derrocada dos primeiros, em face do desinteresse pelo “mágico” e a substituição da forma dos segundos pela escrita direta, consciente ou inconsciente, mediúnica ou anímica. Mas havia salões, novamente...

Então, conforme orientação superior, passei a me dedicar a outras tarefas, tanto no sentido do meu autoaperfeiçoamento quanto de observação de como o planeta havia se modificado, pouco a pouco. Tive interesse em outras áreas, distintas temáticas, diversificados labores. Presenciei reuniões em academias científicas, laboratórios de pesquisa, assembleias governamentais de países e de organismos internacionais. Era a tal globalização e, com a internet, nenhum canto do planeta jazia esquecido ou abandonado.

O tempo passou...

Então, chegou a hora do meu regresso. Confesso que fiquei bem entusiasmado quando me disseram que eu seria “albergado” no óvulo do corpo biológico de minha mãe, e que eu teria uma vida de muitos afazeres, vinculado à Pedagogia e a Filosofia – continuando o desenvolvimento das habilidades conquistadas com o suor do meu rosto, meu esforço e dedicação, nas encarnações anteriores.

E, é claro, voltaria eu a me interessar pelas questões da Transcendência, da Espiritualidade, das Relações intermundos, entre as duas Humanidades, a encarnada e a desencarnada. É como dizem no Planeta Azul: o fruto não cai muito longe do pé...

Eu era um jovem de 20 e poucos anos quando, na cidade onde eu estava, tive conhecimento da programação de um grande evento espírita. Usei um “query code” e acessei toda a programação e o link de inscrição, pagando com “pix” a minha inscrição. Curioso estava eu para ver, com bastante proximidade, olho no olho, os espíritas do Século XXI e suas atividades de intercâmbio mediúnico e de popularização da Doutrina dos Espíritos. Teriam avançado? Estariam laborando decisivamente na melhoria das sociedades?

Então, no dia apazado, me dirigi ao evento, ansiosamente...

Neste, verifiquei multidões abarrotadas para ver/ouvir alguns fenômenos e muitas conferências. Sobre estas últimas, confesso que me espantei com o luxo (seria luxúria?) de imensos auditórios acarpetados, com cerâmicas e adereços impecáveis, contando com o melhor da tecnologia contemporânea disponível,

poltronas pra lá de confortáveis, reclináveis, tradução simultânea, apresentações artísticas, filas intermináveis de autógrafos.

O “espetáculo espírita” tinha mudado o foco, mas não a espetacularização que encanta, com multidões ávidas pela curiosidade e novidade, famintas pelo pão do encantamento, compondo o séquito de fanáticos da modernidade, em busca de “revelações” bombásticas, previsões, sortilégios e predições, não sem os contornos de muita emotividade e estupefação – aquela que ora faz rir, ora chorar.

Percebi algumas cobranças – agora, em último nível de sofisticação, por aquisições de “tickets” eletrônicos, cartões de crédito, transações com pix, tudo a um clique dos dedos e na palma das mãos. E, pasmem, não eram valores módicos nem eram endereçados a atividades assistenciais para os menos afortunados. Eram ingressos! E bem dispendiosos... Afinal, era preciso “pagar” por tanto luxo, prestígio e conforto, pensei, ainda que, muito distante disso, era outro o conceito que, no Projeto 1868, projetei para os “meios de popularizar o Espiritismo”.

Continuei, meio que à paisana, tudo observando. De repente, “dei de cara” com um moderníssimo “stand” de livros, outro de “quinquilharias” (broches, camisetas, objetos de decoração, quadros e tudo o mais que se possa imaginar ou conceber). Nos primeiros, fiquei boquiaberto com a qualidade (seria perfeição?) gráfica, com capas duras, material de impressão de primeira, fotos belíssimas e bem tratadas, que me fez pensar que os livros de hoje são bem mais importantes pela aparência, visto que, numa estante, saltariam aos olhos pela profusão de cores e sinais gráficos. Títulos chamativos – francamente, alguns bem apelativos – e um componente que, de pronto, me fez corar e arregalar os olhos: o nome de seus autores (encarnados), sejam livros mediúnicos ou não, em “letras garrafais”, com todo o destaque, honra e pompa. Lembrei dos meus, em capas neutras, com letreiros discretos e uniformes, sem imagens...

Ah, Denisard (sim, meus pais atuais resolveram, por intuição, creio, repetir o meu nome favorito na encarnação finda) tu é mesmo “demodê”! Tu é novo, mas continua velho – pensei comigo. Como esperar recato, simplicidade e sisudez, se o povo quer “pão e circo” (já haviam me dito que um compositor baiano, para quem tudo era divino e maravilhoso – e não é? – teria escrito em versos de sua canção esta expressão ancestral romana. Sim! Eles continuam ávidos por pão (para saciar

corpos e Espíritos, desde que o mundo é mundo), mas também da empolgação mundana, pertinente aos sentidos materiais e aos desejos do corpo...

Os livros e as conversas

Permaneci, ainda, mais alguns minutos, olhando aquilo tudo, aquele cenário glamouroso, até perceber que haviam algumas luxuosas poltronas nos “stands”, aguardando convidados (?), que por certo logo viriam. Peguei um ou outro livro na mão, e a atendente logo se pôs a cantar odes sobre o médium que assinava tais obras, tentando resumir as histórias fantásticas de almas sofredoras que haviam se redimido e encontrado a “luz”, assim como ex-viciados, ex-criminosos, ex-homossexuais, ex-sei-lá-o-quê, que tinham “se regenerado” (sim, foi essa a expressão que a bonita jovem de grandes olhos verdes e vestido sedoso!!!) havia pronunciado. Perguntei-lhe se ela “era espírita” e ela me disse: - Não senhor, mas me interesse pelos temas e, quando posso, leio um ou outro romance espírita! Hummmm...

Como a conversa era agradável – ainda que a mocinha desejasse, mesmo, que eu saísse com uma sacola cheia de volumes – permaneci um pouco mais e, com meu tradicional espírito cético, minha costureira maiêutica e minha intenção de penetrar em “segredos” tidos como “sobrenaturais”, perguntei-lhe sobre o autor (mediúnico!)... Foi aí que os belos olhos ficaram ainda maiores! E ela me disse: - É um ser inteligentíssimo, um Espírito missionário, um emissário das Altas Esferas, que veio nos ensinar o caminho! Ah, o Senhor irá ver, daqui a pouco. Ele vai nos brindar com mais uma conferência sobre a Imortalidade e sobre os nossos destinos! E sorriu...

Agradei o amável convite e fui circular mais um pouco. Afinal, era tudo muito novo para mim. Lembrei-me de Paris e os seus salões, com tanta gente bem-vestida, adereços e maquiagens. Só não havia as cartolas e bengalas do meu tempo, que soariam como rococó neste milênio cibernético... E, nitidamente, também percebi que alguns vestiam roupas “mais surradas”, embora limpas e bem passadas, e os sapatos não eram tão lustrosos quanto os da maioria. Pessoas de todas as classes sociais, pensei. Seria isso um sinal da “democratização” do Espiritismo?

Chegou a hora do espetáculo espírita!

De repente, o sistema de som e os telões gigantes convidaram amavelmente às pessoas a tomarem seus assentos (numerados). Eu também fui até o meu, nas últimas fileiras, pois era o que havia disponível na entrada (e o “pix” não foi lá muito “barato”, sabe?). Então meu olhar se dirigiu ao palco, com cinco belíssimas poltronas e uma espécie de “púlpito”. Logo surgiram dois apresentadores, um simpático casal que logo reconheci de algum telejornal diário. Em seguida, um a um, foram lidos os currículos dos “convidados-palestrantes”. Confesso que foi um pouco cansativo o desfilar de epítetos e adjetivações para declinar sobre atividades mundanas dos personagens, algumas acadêmicas, outras profissionais. Senti falta de referências “espíritas”, se me entende... Não saberia, eu, dizer se João ou Pedro (ah, esqueci de dizer, eram todos homens) coordenava algum grupo de estudos ou experimentação mediúnica, nem se estava desenvolvendo alguma pesquisa ou construindo alguma tese espírita... Achei estranho, mas...

Os vetustos senhores – alguns mais novos, outros já em idade avançada – foram, pouco a pouco, à medida em que eram anunciados, ocupando, sorridentes, seus assentos. Um ou outro até levantou a mão e acenou, enquanto havia (sim!) apupos ou efusivas manifestações. Até um coro com o nome de um deles – que me pareceu o mais velho e o mais “famoso”, surgiu, do tipo: - Ei, ei, ei, Fulano é nosso rei! Atônito, olhei em volta e aquilo pareceu bem natural (seria normal?) entre os presentes. Não sei, para mim soou estranho, muito estranho... Fiquei muito, mas muito sem jeito com tal algaravia...

Ouvi, atentamente, um a um em seus “introitos” – com muito espaço para “babação” (acho que é este o termo) recíproca, confetes para lá, confetes para cá. E pareciam, os cinco, bastante “enturmados”, para não dizer íntimos. A senhora ao meu lado, vendo toda a minha perplexidade no olhar, depois de uma troca de elogios entre dois dos conferencistas, me olhou e disse: - Eles são ótimos! Parecem ser amigos de infância, até, ou de outras vidas – e riu! Eu sempre venho a esses eventos e geralmente todos eles estão juntos e é maravilhoso! Apenas aquiesci, gentil e educadamente, com a cabeça...

Figurinhas “carimbadas”, então? Ah, você não deve saber o que é uma figurinha carimbada, né. É aquela mais difícil de se obter, quando se coleciona em um álbum... Significa a (ou as) mais importante(s)! Pelo visto, o “desfile” de ideias era sempre legado às mesmas pessoas, ou quase. Medalhões? Hummmm...

Deixei de lado aqueles “pensamentos”, passando a prestar atenção em tudo o que se falava. Você sabe né, já leu meus livros e alguns relatos sobre mim, lá nos idos de 1850... Sempre fui um exímio observador de tudo e de todos, coisa de cientista!

Depois, começou o “show”. Bem-humorados (diria, eu, até, piadistas), os senhores de terno e gravata foram colecionando bordões e afirmações categóricas. Ah, havia uma série de perguntas, feitas alternadamente, pelos jornalistas, os quais, igualmente, estavam bem “soltos”. Parecia um script bem combinado ou ensaiado. Não pude me conter ao ter este pensamento. Não que não houvesse espontaneidade em alguns trechos, longe disso... Mas que havia um “plano” para a sequência das falas, eu não tive qualquer dúvida disso.

De início eram apenas as intervenções dos moderadores, seguidas por declarações deste, daquele ou de (quase) todos. Confesso que o modelo era interessante, para não se tornar algo enfadonho ou professoral – ainda que as temáticas exigissem mais do que o raso conhecimento do lugar comum, para atrair, cativar e aproveitar – como fizemos tanto nas nossas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), em tardes ou noites memoráveis, em que o adiantado da hora, por vezes, nem era percebido. Algo que os Luminares me disseram, certa feita, que as reuniões de humanos são presididas pelas afinidades (espirituais). E não posso dizer que não havia afinidade entre os notórios personagens, entre si, e com a plateia. Seria leviano afirmar o contrário.

E os Espíritos?

Acostumado com minha lida, eu imaginei que grande parte das conversações seria destinada ao relato de Espíritos (via médiuns) ou a descrição de fatos mediúnicos, bem como do comportamento, seja dos comunicantes, seja dos intermediários, assim como a organização das sessões e os resultados das atividades. Ledo engano.

Se houve alguma referência aos “Espíritos”, foi, numa ou noutra fala, sobretudo as do médium sênior, sobre o que “lhe havia sido dito por tal ou qual Espírito”. E sobre eventuais “lições de moral” que lhe haviam dado, em especial aquela que ele “carinhosamente” definiu como mentora. Puxões de orelha, jocosamente relatados, com ar artístico e sedutor (!), que geraram ruidosas gargalhadas e comentários da parte do público. Olhei ao redor, espantado, diversas vezes.

Como se se tratasse de pilhéria ou de animação de auditório. Não! Até mesmo as lições, reprimendas, orientações devem ser tratadas com atenção e respeito...

E as perguntas foram se sucedendo. Grande parte delas se referia à “vida invisível”, isto é, ao porvir e como estaria “ambientado” o Espírito após atravessar o portal da morte física. Não pude conter meu espanto porque grande parte das questões era no mesmo escopo daquelas que, exaustivamente, inquiri dos Bons Espíritos, e que compuseram não só “O livro dos Espíritos”, como, em especial, as dissertações de “O Céu e o Inferno” e inúmeros relatos no nosso laboratório, a “Revue Spirite’...

De pronto, me questionei: - Mas não leram as (minhas) obras? Isto não está lá, documentado e até repetidamente? Será que a “condição” espiritual, para eles, que entabulam tais questões, mudou significativamente desde o fim do século XIX? Não são as mesmas individualidades? Espiritualmente, o planeta não continua na mesma categoria de orbes habitados? Houve algum salto qualitativo – além do tecnológico, material, vigente nesta terceira década do Século XXI? Não continuamos a conviver entre fartura e miséria, fraternidade e opressão, amor e ódio, inteligência e insanidade, virtude e indigência? Por acaso, do “outro lado” há “construções” ou realidades distintas daquelas que sempre existiram?

Um museu de grandes novidades?

Prosseguiu o “desfile de novidades” com algumas descrições surpreendentes. O palestrante de óculos e barba bem desenhada, com eloquência, falava de amor e perdão, com resgates evangélicos. Mas, num determinado ponto, deu uma guinada e pareceu repetir os “ais” das escrituras, falando de vales de sofredores na Erraticidade. E descreveu os mesmos com uma riqueza de detalhes que me lembrou não os textos das descrições que me haviam sido feitas e foram encartadas em “O Céu e o Inferno”, mas na literária obra de Alighieri. Sim, o inferno era ali, pensei! E não era figurado... Aquele homem magro, bem apessoado, com facilidade didática e de expressão, inclusive facial e gestual, estava patrocinando a ideia abjeta de locais geográficos no Mundo Invisível... Mais que isso, descrevia uma série de sofrimentos comparáveis aos horrores das guerras humanas, quando o martírio de corpos (e almas) representava o prazer e o deleite dos algozes.

Por um momento pensei que havia regozijo naquelas descrições dantescas e amedrontadoras. Ou será que ele (ou eles) acreditavam mesmo nisso? De repente,

vi que os demais balançavam positivamente suas cabeças e dois deles pediram “apartes” para corroborar, com “relatos mediúnicos” aquelas visões de horror que haviam sido colacionadas. Um deles, inclusive, de dedo em riste, pareceu tutorear as almas, tangenciando-as com um cajado para “melhores lugares”, afastando-as das “tentações” da carne. Havia muita similaridade com os discursos religiosos do meu tempo...

Vi, em seguida, além da menção aos tais vales, expressões que eu havia tratado em minha obra, como os umbrais – porque simbolizavam portais, portas ou passagens, figurativamente. Jamais “regiões geográficas no espaço”, todavia. Porque o Espírito vai onde quer, movido pelo seu pensamento, e como ele, o pensamento, é responsável, também, pelas criações mentais e psíquicas, as ilusões individuais e coletivas podem “plasmear” situações, enredos e lugares. Como na mediunidade que escrevi àquele tempo, os Espíritos não se transpõem de uma posição espiritual para outra só porque desencarnam e que, não raro, as impressões pós-morte guardam similitude com crenças, idiosincrasias e entendimentos que foram professados em vida.

Depois, um outro expositor, com “boca grande” e dentes sobressaltados, muito simpático, aliás, também de óculos grandes se pôs a discorrer sobre temáticas evangélicas, algumas até do contexto do Antigo Testamento, com o intuito de descrever colônias no Firmamento (expressão dele!). Como assim, jovem? Cidades no além, com constituição “física” (ou parafísica) similar às nossas, com uma diferença significativa, segundo ele (e vou repetir a expressão): - Lá tudo funciona a contento! E o crime não compensa, seja para conservadores ou comunistas! E piscou para o mais velho... As gargalhadas foram ainda mais ruidosas, seguidas de expressões mais comuns, segundo constatei, à ambiência brasileira, com alusão a cores ou símbolos. Parecem ter esquecido – ou talvez não conheçam – as exortações espirituais acerca da desnecessidade do apego à pátria, ao lado do sentimento real, de humanidade e de progresso, que é o da verdadeira fraternidade entre os indivíduos e os povos...

A tarde foi passando e, entre intervalos para “coffee-breaks” e idas aos sanitários, a sequência de perguntas tinha andamento. Ah, quase me esqueci! Nos intervalos também se davam sessões de autógrafos e fotos tiradas por agências, para venda posterior, como recordações. Não me furto a dizer que o interesse era generalizado, por umas e outras, mas que havia, claro, certa preferência por um dentre os demais.

O mais velho deles e, também, o mais eloquente, só que sempre sentado, para preservar as energias físicas.

O “grand finale”

No retorno à grande audiência, no salão principal, o povo acomodado esperava por novas mensagens e, também, por alguma previsão catastrófica. E ela veio...

A pergunta foi dirigida a todos, e ao final, a locutora com voz empostada (apesar de doce) exprimiu: - O que será da Humanidade, no porvir?

O médium maduro, assim, se “concentrou” – havia, ali, uma cinematografia visível: olhos baixos, mãos sobre a testa, mudança corporal, pernas alinhadas, ombros caídos, em segundos reflexivos... Todos os demais ficaram em silêncio, como se seguissem cuidadoso “script”, embora sem anteriores ensaios, para preservar alguma naturalidade. O “pregador” abriu os olhos, que estavam mais envidraçados do que antes, praticamente sem piscarem. Sem papas na língua, ele iniciou sua prédica, com voz cansada e bastante envelhecida, como se interpretasse Moisés ou Matusalém em algum filme hollywoodiano. O gestual se intensificou, apesar das mãos trêmulas.

Pouco a pouco foram sendo feitas advertências sobre o uso das liberdades e a responsabilidade físico-espiritual de todos os humanos. Aludiu-se a depreciativos consórcios espirituais, remontando a nomes do passado que continuavam “empedernidos” no crime, na barbárie, no ódio e no desejo de proeminência. Despojados das vestes físicas, mantinham legiões de seguidores desencarnados que os acompanhavam por toda a parte. Alguns, inclusive, com seus perispíritos indicando as vestes militares, da era ancestral ou da proximidade contemporânea, envolvidos com idênticos personagens, estes de outra dimensão, encarnados – sem farda, muitos, ou outros com batinas ou vestes comuns –, que nutriam a admiração de sempre pela glória, honra, poder e fama e que buscavam um “líder” a ser seguido, para dar sentido às suas existências.

Bordões de ordem, disciplina, liderança, progresso foram um a um somados, durante a prédica. Valores “cristãos” se somaram a entendimentos “ditos universais” de genealogia, herança genética, superioridade de culturas e afins.

Gregos e Romanos foram mencionados como padrões de moralidade adequados à contemporaneidade, como se não houvesse a linha de progresso a permear as experiências sucessivas neste e em outros mundos. Um retorno “romântico” ao passado, uma ode ao helenismo e uma valorização da democracia (ainda que aparente e relativa), assim como do império das leis como obra humana, pareceu representar um apego exacerbado ao “museu de novidades” da espécie humana.

Mas era preciso, ainda, apelar para figuras e cenários mais fortes e impactantes. E o velho senhor espiritual, praticamente um ventríloquo de si mesmo, passou a elencar os últimos “problemas” da Humanidade: começou com a varíola até chegar à Covid-19, com direito à menção às derivações das inúmeras doenças respiratórias dos nossos dias. Elencou as batalhas das idades antiga e média para situar os conflitos contemporâneos na Europa Oriental, no Oriente Médio e a (sempre temida) terceira guerra, a partir da definição de um novo eixo geopolítico-econômico, com China em oposição aos Estados Unidos. Por fim, falou das hecatombes climáticas, cada vez mais constantes, em função de toda a depreciação do meio ambiente.

Ainda que de modo fraterno e voz mansa, em alguns momentos a voz envelhecida se intensificou para cristãmente aludir à separação entre “lobos e ovelhas”, prescrevendo muitos resgates para os “desviados do caminho”. Não lembrou da ovelha perdida, do filho pródigo ou do óbolo da viúva, cuidando, tão-somente das figueiras amaldiçoadas dos escritos canônicos. E bradou por “reformas íntimas”, antes que cantasse o galo, informando que ali, naquele auditório, sob a visão espiritual do comunicante, um imenso número estaria envolto em ranger de dentes e copioso choro, doravante, porque já soara a undécima hora...

Não faltou nem a remissão ao “vá e não peques mais”, como se transformações espirituais fossem derivadas de pregação ou de ameaças...

Entre as lágrimas do auditório, embevecido pela teatralidade eloquente (já não tanto, me pareceu, pela longevidade expressa), o conferencista-médium-anímico encerrou sua fala, sendo aplaudido de pé e ruidosamente, inclusive pelos seus quatro acompanhantes de palco.

Almas lavadas! Sentimento coletivo de dever cumprido e compromisso (será mesmo?) para a boa nova dos seguintes dias.

Entre o riso e a dor...

Ali, no meu canto, sentado e bastante atônito, eu olhei para aquela enorme assembleia, que se locupletava diante do sermão recente, como a se considerar o “povo eleito” do “coração do mundo e pátria do evangelho”, como se o povo de Israel estivesse legitimado em sua terra prometida, sob o cajado de Jesus, o Cristo de Deus, sob a forma de consolador prometido, e me entristeci profundamente.

Percebi que todo o trabalho de distanciamento da costumeira e tradicional “moral religiosa”, seus atavismos e dogmas, herdada do Judaísmo e consolidada no Cristianismo Oficial, centrado nas obras que publicamos, a partir da delimitação da responsabilidade espiritual de cada um (“a cada um segundo suas obras”) seguia relegado ao desinteresse comum, individual e coletivo.

Novamente, estava eu diante de uma mediunidade restrita, apegada a censuras de ordem moral e de prescrição litúrgica, ante multidões dependentes de “reveladores” ou pastores, que lhes diziam suas parciais verdades, posicionando-se como gurus de sempre, desfilando suas capacidades de envolvimento e prestidigitação, dentro da mesma lei das afinidades, porque “quem procura, acha”. O contexto de autonomia espiritual, decorrente da consciência de si mesmo, da certeza diante do compromisso encarnatório, dos objetivos espirituais da existência física e do comprometimento de participação, a partir do efetivo progresso pessoal, na construção do processo coletivo, tudo isso substituído pela fé cega em “mensageiros do Alto”, que bradavam sobre “programações espirituais de depuração planetária”, em resgates coletivos e na imposição de castigos físicos, como a representar os profetas da Antiguidade (e de todos os tempos).

Procura-se o Espiritismo!

E o Espiritismo? Que fizeram dele? Que Espiritismo praticam? Que Filosofia os embasa?

Perguntas sem respostas, ou, mais propriamente, com respostas toscas, vazias e distantes dos princípios espíritistas. Assumindo-se como crentes, cristãos e adoradores de novos bezerras de ouro, devidamente personalizados em médiuns e oradores destacados, com visibilidade e reconhecimento público, não nos resta, em termos de coletividade espírita, nenhuma outra constatação a não ser a de que falimos em nossa pretensão de estabelecimento de novos parâmetros para a consideração da mediunidade, como atributo humano, e de sua missão de libertação e não de manutenção de jugos, beneficiando indivíduos ou corporações.

A religião espírita institucionalizada – muito distante daquilo que sugeri e coordenei, inclusive com orientações expressas e capitais e a recomendação de respeitar toda e qualquer crença ou religiosidade, compatível ao nível de entendimento (e de espiritualidade, hoje sei) de cada um – segue buscando primazias e proeminências.

Mediunidade (sozinha) não é Espiritismo! E Espiritismo não é (apenas) Mediunidade! O instrumento, o veículo, o meio pode servir a quaisquer fins, inclusive, como vi no abastado “saloon” de um dos mais luxuosos hotéis de capital brasileira, para premiar determinados eleitos pela produção (literária, de auditório ou em vídeo – aqui, em canais monetizados a peso de ouro, com propagandas comerciais e retribuição de cliques e comentários!), elevando-os à condição (notória) de popstars que “tudo sabem” e que “têm respostas para tudo” (em termos de espiritualidade!).

Humanos! Homens! Com suas limitadas visões de mundo, subordinadas aos limites corporais, como dissemos. Reunidos a outros humanos (estes, desencarnados) que mantêm suas parcas visões sobre a realidade intermundos, a mundividência natural dos que progridem em Espírito, na carne e fora dela, mas que, enquanto não alcançam elevados estágios, são “papagaios espirituais” que repetem bordões ou prédicas, que instituem suas próprias teorias ou embarcam nas já esposadas pelos que lhes antecederam, como se dissessem novidades.

Cumprem, eles, algum papel? Sim, o de continuarem sendo “cegos guiando cegos ao desfileiro”, atraindo multidões pela singela e natural afinidade das pseudoverdades. E o que ouvi naquela assembleia ou desfile de vaidades e eloquências foi a mais natural afinidade entre o que se deseja falar e o que se

procura ouvir, e vice-versa. Um locupletamento de interesses e pendências, gostos e entendimentos, manias e convicções, ainda que dissociadas da verdadeira realidade espiritual.

Por fim, retomo a baliza que me serviu de referência naqueles quase quinze anos de observação, trabalho, metodologia, pesquisa e conclusão: - os Espíritos continuam sendo o que sempre foram, exceto se reunirem suas próprias forças para alterar suas realidades espirituais. Deste e do “outro lado”, continuarão a cativar incautos, rasos, curiosos e crentes. E atuarão, ainda, como multiplicadores ou repetidores (exatamente como novos papagaios) repetindo bordões ou historinhas, causos ou exortações, como naturais e “lógicas” as considerem.

Era hora de ir embora...

Saí da “cerimônia” em busca de uma outra associação de indivíduos, simples, pequena, em habitação simples, num bairro menor e periférico, por certo, distante do centro daquela cidade, para encontrar MEUS PARES, pessoas devotadas, verdadeiramente humildes, dispostas ao estudo e à pesquisa, cumpridores de pequenas formalidades de reunião, compromissadas com tudo discutir, para “não aceitar uma só mentira”, na busca espiritual incessante pelo conhecimento.

Se você souber de algum desses locais, me indique. Ou diga que Denis Denisard, o outrora Rivail, o Professor Kardec deseja conversar com os Espíritos. Os encarnados e os desencarnados, para continuar a tarefa de todos, da Humanidade: consolar, esclarecendo e esclarecer, consolando. De verdade, sem subterfúgios, sem ameaças, sem “construções espirituais irreais”, sem exacerbação de vaidades, quase anonimamente. Lembremo-nos, por fim, que os médiuns – reais intérpretes das Inteligências Superiores – eram identificados, por mim, apenas por suas iniciais, sem nomes e sobrenomes, sem destaques, sem honrarias, sem trajes pomposos ou salões riquíssimos.

Aguardo... Obrigado!

Notas do Autor:

[1] KARDEC, A. O livro dos Médiuns. Capítulo XXI – Dissertações Espíritas. Sobre os Médiuns. Item 14. Trad. J. Herculano Pires. 20. Ed. São Paulo: Lake, 1998.

[2] KARDEC, A. Obras Póstumas. Segunda Parte. Extratos *in extenso*, extraídos do livro das previsões concernentes ao Espiritismo. Primeira notícia de uma nova encarnação. Trad. Maria Lúcia Alcântara de Carvalho. Rio de Janeiro: CELD, 2002.

[3] “Natura non facit saltum”, no latim. Frase latina atribuída a Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo e matemático alemão. Depois, por Carl von Lineu (1707-1778), naturalista e médico sueco. Por fim, Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, em seu livro “A Origem das Espécies” (1859), repetiu o axioma.